

Ondas, cenas e microculturas juvenis*

Vitor Sérgio Ferreira**

Resumo: As microculturas juvenis de hoje não configuram um “nós” do mesmo modo que propunham as tradicionais teorias subculturais, onde a acção dos membros das “subculturas” surgia em relação e em função da colectividade. A fragmentação intricada e reticular das sociabilidades microculturais contemporâneas não permite identificar uma unidade de “grupo”, um *nós associativo* de que se é membro, mas *nós sociativos* conexos, fundados em relações concretas com outros pessoalizados, que se estabelecem temporariamente com base em afinidades e afectividades electivas. Destes “nós” os jovens não exigem *semelhança* mas, sobretudo, *reconhecimento* da sua diferença, fractalmente partilhada em termos de identificações, experiências e relações sociais. Perceber como se estruturam as práticas de sociabilidade no âmbito destes micro-contextos sociais juvenis e as dimensões de afinidade electiva em torno dos quais são produzidas, é o objectivo primordial deste artigo.

Palavras-chave: sociabilidades juvenis; microculturas; música; visual; sensorialidade; cidadania.

Flows, scenes and youth microcultures

Abstract: *The more recent youth microcultures do not configure a sense of “us” in the same way as proposed by the traditional subcultural theories, where the action of the “subculture” members appeared in relation to and in function of the collectivity. The intricate and reticular fragmentation of modern subcultural sociabilities does not allow us to identify a “group” unit, an associative us of which one is a member, but several connected sociative us, rooted in concrete relationships with personalised others, which are temporarily established and based on electives*

* Recebido em 04 de junho de 2008. Aprovado para publicação em maio de 2009.

** Vitor Sérgio Ferreira é doutor em Sociologia da Cultura, Comunicação e Educação pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) de Portugal. Atualmente encontra-se em Pós-Doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), com uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

affinities and affections. The young people do not demand similarity from these “us” but, above all, the recognition of their difference, fragmentally shared in terms of identifications, experiences and social relationships. To understand how sociability practices are structured and which dimensions of elective affinity are under the social production of these social micro-contexts, it is the main goal of this article.

Keywords: *youth sociabilities; microcultures; music; visual; sensoriality; citizenship.*

INTRODUÇÃO

As sociabilidades juvenis, enquanto “estilo de sociabilidade” (COSTA, 2003) com alguma especificidade na diversidade das suas formas e conteúdos, têm sido objeto de análise recorrente por via de alguns dos seus contextos de “margem”, mais excêntricos e exotizados, habitualmente designados como *subculturas*, *contraculturas* ou, mais recentemente, *(neo)tribos* ou *cenias juvenis*. De um ponto de vista sociológico, cada uma dessas designações remete para quadros analíticos diferenciados perante o fenómeno das “culturas juvenis”.

Privilegiando o eixo analítico do *poder*, as *subculturas* são olhadas na tradição sociológica como filiações sociais minoritárias e subalternas relativamente a um dado modelo hegemônico de cultura (de classe ou parental, por exemplo), filiações a partir das quais se elaboram formas culturais de reação aos problemas colocados pela especificidade do grupo no interior da “cultura” da qual os seus membros são originários. As subculturas juvenis do pós-guerra, por exemplo, na tradição da abordagem desenvolvida pelo CCCS¹, surgem entre jovens operários como resposta *geracional* e *funcional* às transformações e dificuldades vividas pelos jovens de classe operária nesse período².

A abordagem das culturas juvenis por via das “contraculturas”, privilegiando o eixo analítico da *ação*, entende-as como culturas produzidas em oposição à “sociedade” em que vivem. Expressam a recusa em nela se integrar através da formulação de uma nova constelação de práticas, valores e referências, demonstrando um grande empenho na inteira reversão da ordem coletiva através da experimentação de novos modelos utópicos³.

As “(neo)tribos” ou “cenias”, por fim, passaram recentemente a ser metáforas recorrentes, quer na vida social, quer na vida das ciências sociais, para classificar muitos dos atuais micro-grupos juvenis marcados por um estilo próprio e com uma visibilidade social espetacular e exotizada⁴. Os estudos que operacionalizam tais categorias tendem a

¹ Centre for Contemporary Cultural Studies, Birmingham University.

² Ver Gelder; Thornton, 1997 e Mungham; Pearson, 1976.

³ Ver Roszczak, 1972, Savater; Villena, 1982, Yinger, 1982. Para uma discussão atualizada do conceito de “contracultura”, ver também Mendes de Almeida; Naves, 2007.

⁴ Sobre o conceito de *(neo)tribo*, ver Bennett, 2005, Costa et al. 1996, Díaz, 2001, Feixa, 1998, Fournier, 1999, Maffesoli, 1988, Magnani, 1992, Pais, 2004. Sobre o conceito de *cena*, ver Abramo, 1994, Bennett; Peterson, 2004, Grossegger et al. 2001, Hesmondhalgh, 2005.

privilegiar o eixo analítico da *forma*, dada a encenação imagética e/ou performática mais exuberante que identifica os participantes desses grupos:

[...] uma sociedade, é certo, mas a uma sociedade em que a coletividade humana que as constitui já renunciou a outra forma de legitimação, arbitragem e integração que não seja – fora algum outro ingrediente ideológico difuso – a exibição pública de elementos puramente estilísticos: vestimenta, dialeto, alterações corporais, penteado, gestualidade, formas de entretenimento, pautas alimentares, gostos... [...] O critério de reconhecimento intersubjetivo não se funda num concerto entre as consciências, mas entre as aparências. (RUIZ, 2002: 117.)

Qualquer um desses conceitos *sensu-comunizou-se* entre os próprios jovens, enraizando-se nas suas linguagens cotidianas enquanto metáforas de micro-espacos, sociais e simbólicos, vistos como subterrâneos, alternativos e dissidentes relativamente a espacos e culturas juvenis mais institucionalizados, dominantes e intensivamente massificados. Dada a controvérsia sobre a atual validade heurística desses conceitos no âmbito da sociologia da juventude, opta-se aqui por um termo conceitualmente mais “neutro” para designar estes contextos juvenis de pequena escala, o de *microculturas*, contextos sociais onde ocorrem “fluxos de significados e valores manejados por pequenos grupos de jovens na vida cotidiana, atendendo a situações locais concretas” (FEIXA, 1998, p.270). Simultaneamente valoriza-se uma abordagem *êmica* dessas categorias formais, deixando que elas (estas ou outras) fluam enquanto “categorias nativas” nos discursos dos entrevistados, permitindo averiguar os respetivos conteúdos simbólicos⁵.

Pretende-se assim ultrapassar a reificação ontológica e estática, a homogeneidade e fechamento social, a cristalização identitária e a determinação ideológica, frequentemente pré-suposta ou pós-suposta nas anteriores nomenclaturas. Se tais conceitualizações eram possíveis de ser aplicadas às microculturas juvenis emergentes em meados do século XX, as mesmas não serão tão fáceis de encontrar uso hoje em dia. Como alguns dos mais recentes teóricos das microculturas juvenis fazem notar⁶, essas estruturas sociabilísticas foram objeto de acentuadas transformações no tempo, as quais não deixam de se refletir nas socializações, vivências e experiências dos seus participantes.

Num contexto de intensa proliferação e pulverização das possibilidades de escolha cultural socialmente disponíveis, por meio de transformações, fusões e revivalismos

⁵ As “categorias nativas” – também chamadas *conceitos de primeira ordem* (SCHUTZ, 1974) ou *conceitos sensibilizantes* (BLUMER, 1969) – não são mais do que as palavras que o sujeito social agencia na sua linguagem corrente e reconhece como pertinentes para dar conta das suas experiências, para justificar as suas ações, para dar sentido às suas posições no mundo e perante o mundo, em cada uma das suas esferas de existência. O exercício de conceitualização sobre as categorias nativas possibilita a introdução do investigador no universo de percepção e interpretação dos observados, aumentando o potencial heurístico e de serendipidade da pesquisa.

⁶ Nomeadamente os que consubstanciam esta viragem conceptual no âmbito dos estudos *pós-subculturais*. Ver Muggleton, 2002; Muggleton e Weinzierl, 2003; Bennett e Kahn-Harris, 2004; Hesmondhalgh, 2005.

vários e sucessivos, a manutenção das fronteiras sociais e simbólicas de cada microcultura juvenil fragilizou-se profundamente. Resultado: onde a pertença era entendida como permanente, exigindo um elevado grau de compromisso dos participantes, a adesão passou a ser assumida como transeunte e o grau de compromisso substancialmente mais fraco; onde subsistia um baixo nível de mobilidade, passou a persistir um acentuado grau de mutabilidade intergrupala, implicando a circulação através de socialidades reticulares, estruturadas em *rede*, cujos “nós” se inter cruzam em afinidades frágeis e lealdades temporárias, revisionáveis e transitórias, a qualquer tempo renegociadas ou canceladas⁷; onde a homogeneidade estilística imperava, passa a existir uma profusão eclética e acumulada de estilos; onde existia um estilo de vida *contestatório*, orientado por uma *ética de resistência* militante e coletiva, movida pela melhoria das condições de vida, passa a existir um estilo de vida *celebratório*, orientado por uma *ética de existência* que cultiva valores hedonistas, experimentalistas, presenteístas e convivialistas, no sentido do alargamento das possibilidades de expressão individual. Em suma, onde permanecia uma forte identidade de grupo, passa a haver uma identidade fragmentada, provisória e acentuadamente individuada.

As microculturas juvenis contemporâneas tendem, portanto, a não configurar um “nós” do mesmo modo que propunham os tradicionais teóricos subculturalistas, onde a ação dos membros das “subculturas” surgia em relação e em função da coletividade. A fragmentação reticular das sociabilidades subculturais contemporâneas não permite identificar uma unidade de “grupo”, um *nós associativo* de que se é membro, mas *nós sociativos* conexos, fundados em relações concretas com outros pessoalizados, que se estabelecem temporariamente com base em afinidades e afetividades⁸. Destes “nós” o jovem não exige *semelhança*, mas, sobretudo, *reconhecimento* da sua diferença, fractalmente partilhada em termos de identificações, experiências e relações. É esse o novo compromisso social para quem adere a esse tipo de contextos microssociabilísticos. Senão, vejamos⁹.

⁷ O conceito de *rede de afinidade* é importado para o âmbito da problemática dos movimentos juvenis em McDonald, justamente contra as noções de “tribo” ou “comunidade”. Trata-se de uma forma social que não passa necessariamente pela condição proxêmica, circunscrita e estática inerente às tradicionais noções de “tribo” ou “comunidade”, mas por uma conglomeração de teias sociais, justapostas e fluidas, por onde os jovens se movem, ancoradas em universos sociais e simbólicos que podem ir além das fronteiras geográficas e situações territorialmente delimitadas, quando integradas e apropriadas no ciberespaço (MCDONALD, 2002).

⁸ Dizer que tais redes de sociabilidade correspondem a laços sociais mais *sociativos* (inspirado no conceito de *sociação* de Simmel, 1983) que *associativos*, significa que correspondem a quadros de relações sociais que, longe dos compromissos de longo prazo e fusionismos gregários característicos das estruturas burocráticas e hierárquicas que pautam a formalidade da vida associativa, são caracterizadas por uma estrutura flexível, voluntarista e convivial, sem qualquer tipo de enquadramento formal e institucional, nem orientação ideológica unidirecional, baseada em laços mais afinitivos e afetivos que definitivos e vinculativos, representativos de interesses mais expressivos que instrumentais.

⁹ Em termos metodológicos, a informação empírica apresentada e analisada neste artigo foi recolhida no âmbito do trabalho de campo que resultou na tese de doutoramento do autor, sobre a prática de tatuagem e *body piercing* em larga extensão no corpo, a qual se constatou ser bastante cultivada em universos sociais e simbólicos de natureza microcultural. Os relatos apresentados foram obtidos em situação de entrevista individual *em profundidade*, de

REDES DE AFINIDADES DE GOSTO: CONSUMO E PRODUÇÃO MUSICAL

As relações sociais estabelecidas entre jovens no âmbito desses contextos micro-sociabilísticos são simbolicamente mediadas, em grande medida, por um recurso dotado de enorme valor gregário entre os jovens: o gosto pela *música*. Nos seus mais diversos estilos e modalidades de fruição, a música está no epicentro do estilo de vida celebratório desses jovens, sendo um recurso estruturante das suas subjectividades e cotidianidades, praticamente ubíquo no seu cenário diário. Não só é sua parte integrante, como quase totalizante: onipresente nos seus tempos cotidianos, a música desde cedo se torna, para esses jovens, um eixo fundamental de construção e de gratificação identitária, acompanhando-os em diversas fases de vida, em diversas situações – em casa, na escola, no trabalho, no lazer ou nas suas pendularidades da vida diária –, e sob as suas mais diversas modalidades de apropriação (domiciliar, em bares ou discotecas, ao vivo ou sozinho, entre amigos ou entre massas etc.).

Sou mesmo fanático por música, tudo para mim é música! [...] A música é mesmo dia a dia. Estou sempre a ouvir. Em minha casa, sempre que estou lá, a aparelhagem está sempre ligada.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

Adoro ouvir música, ouço música 90% do meu dia. Se não dormisse era quase 90% do meu dia porque mesmo que não esteja a ouvir, estou com ela na mente.

[Fiel de armazém, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

A centralidade da expressão musical no cotidiano desses jovens não se limita a evidência do seu papel enquanto elemento propiciador de identificação e gratificação subjetiva. Evidenciada a sua já conhecida pervasividade no cotidiano dos jovens portugueses, rapidamente também se nota a sua relevância central enquanto “marcador de comunidades de gosto” (GOMES, 2003, 2004), ou “signo de diferenciação grupal” (PAIS, 1993, p.106). A música não só domina os tempos como também as relações desses jovens, sendo um recurso cultural em torno do qual, em grande medida, se estruturam as densas redes de sociabilidade de que participam. Constitui efetivamente o principal elo de comunhão e afinidade eletiva no âmbito destas, laços sociais que se traduzem na audição partilhada em contexto domiciliar ou em shows, na troca de informações, opiniões, discos, na criação e exibição coletiva de material sonoro etc. É habitualmente convocada como tema

natureza biográfica, *semi-estruturada* na sua preparação, e *semi-diretiva* na sua aplicação, a portadores de corpos extensivamente marcados, multitatuados e múltiperfurados, profissionais ou apenas consumidores de tatuagem e/ou *body piercing*. Quinze entrevistados foram recrutados em estúdios de tatuagem e *body piercing* de Lisboa e arredores. Para maior detalhe sobre as opções metodológicas do autor, ver Ferreira, 2008.

de conversa, escutá-la é sempre um prazer e um bom pretexto de convívio, bem como também, muitas vezes, tocá-la.

[Quando os amigos se juntam] convive-se, fala-se, ri-se, bebe-se uns copos e aí estamos nós. Toca-se quando é preciso também e fazemos som uns com os outros. Por exemplo, na margem sul, o meu grupo de amigos está todo relacionado com música, em qualquer coisa: ou toca numa banda, ou produz música, ou faz o que quer que seja...

[Cozinheiro, frequência universitária, sexo masculino, 28 anos]

De fato, as modalidades de apropriação musical desses jovens não se estabilizam no polo do consumo, apenas em torno da escuta, mas também no polo da produção, através da performance criativa frequentemente partilhada em torno de um ou vários projetos musicais: apesar de, habitualmente, não terem uma educação musical formal, praticamente todos os entrevistados têm ou já participaram de uma banda, onde desempenham ou desempenharam vários papéis (como vocalistas, bateristas, guitarristas etc.), papéis vividos de uma forma mais lúdica e convivial do que com convicção profissional ou profissionalizante (embora viver da música ou em relação com a música não seja uma possibilidade completamente afastada, enquanto sonho afortunado, mas pouco provável).

Conservam, a maioria das vezes, “um estatuto de tipo amadorístico em que não é claro quando esse prolongamento traduz uma incapacidade para desenvolver os processos de organização e consolidação ou quando corresponde a um outro modo de estar em que não entram intentos profissionalizantes” (SANTOS, 2003, p.5), e que passa, muitas vezes, pela tentativa de prorrogar o máximo de tempo possível (con)vivências juvenis. Trata-se de projetos que, no trajeto comum aos seus membros, congregam em torno de si um denso quadro de sociabilidades juvenis: se fazer parte de uma banda é uma prática criativa que usualmente prolonga e investe de significado acréscimo consumos e gostos partilhados (entre amigos), um tal investimento abrange não apenas o grupo restrito dos elementos que formam cada banda, mas também o círculo de convivência primária recrutada em redes conviviais mais ou menos alargadas (GOMES, 2004, p.2).

No princípio tive uma banda *punk*. Eu não tocava ainda quase nada, só assim uns acordes, umas melodias. Juntava-me com uns amigos, durante a semana estávamos sempre a cravar trocos, e depois sexta e sábado íamos para um estúdio, na Estefânia. Estávamos lá a tocar, havia lá o material todo, estávamos lá sempre a curtir, demos uns concertos só numa de curtir. [...] A banda, acima de tudo, não é uma banda. São três amigos ali a divertir-se, antes de pensar em gravar álbuns. Já tivemos várias propostas mas, acima de tudo, o que nos interessa é estar ali juntos. [...] Eu toco guitarra, um bocadinho de baixo, flauta e teclas.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

O valor gregário reconhecido ao fenómeno musical no universo juvenil justifica, assim, a relevância teórica que lhe tem sido atribuída enquanto principal *signo federativo*

(LAMER, 1995, p.159), funcionando como referente produtor da aparente unidade e homogeneidade simbólica das “comunidades de gosto”, das “tribos” ou de outros construtos sociológicos de natureza fusionista sobre os jovens. A esse tipo de dinâmicas grupalistas processadas em torno de determinados estilos musicais mais marginais aos circuitos comerciais, os jovens preferem chamar, na sua linguagem nativa, de *onda*, metáfora bastante elucidativa do carácter *flutuante*, *nômade* e *rotativo* que caracteriza a adesão atual a esses tipos de universos sociais e simbólicos, de fronteiras mais fluidas ou de estrutura mais *líquida* (BAUMAN, 2001).

Hoje em dia já não se dá assim tanto valor como dantes, quando as pessoas eram algo... Pronto, haviam muito menos estilos, as pessoas eram mesmo aquele estilo determinado. E agora, dentro dos estilos, tem aparecido cada vez mais subestilos. Então, as pessoas cada vez têm menos a ver umas com as outras. Até mesmos nos próprios estilos restritos há grandes divergências. Pronto, acho que a cena está tão dispersa que há-de rebentar! [...] Hoje há cada vez mais novas ondas [...] as ondas vão-se transformando em si e muitas vão morrendo. [...] Hoje em dia também já há grandes fusões. [...] E vejo tipo pessoas que ainda há duas semanas paravam no Rookie e eram hardcores, com outras calças, e de um momento para o outro, vão duas vezes à JukeBox e passam a vestir-se de preto todos os dias, depois querem é deixar crescer o cabelo e pôr bué [um monte] de brincos.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

É, de fato, evidente a intensa itinerância desses jovens por entre esses microuniversos, onde a respetiva adesão não apenas se caracteriza por ser efêmera e sucessiva, surfando rápida e, frequentemente, de *onda* para *onda*, sem desenvolver grandes compromissos ideológicos, imagéticos e sociais com cada uma, como, muitas vezes, também é praticamente simultânea, multiplicada nas respectivas afiliações (*onda hardcore* e *skater*, por exemplo, ou *rock* e *motard*).

Dadas as disposições subjetivas dos jovens adeptos dessas microculturas, fortemente orientadas para a experimentação e para o gosto pela diferença e pela novidade, quando pressentem que o “pacote subcultural” a que aderiram está em vias de saturação, ou que os conhecimentos adquiridos numa determinada *zona de gosto* (MELO, 1994, p.97) estão consolidados e começam a desenhar-se como restritos e restritivos, tende a surgir o interesse pela exploração de uma zona de gosto colateral, à qual se teve acesso através da audição de um CD emprestado, de um show a que se assistiu, de um vídeo que se viu, de uma referência que se leu ou de que se ouviu falar, de uma personagem ou banda dotada de um visual que foi apelativo...

Apesar de acelerada, a mobilidade *style surfing* (POLHEMUS, 1996) tende a ser sentida pelos seus adeptos como uma *progressão natural* (MUGGLETON, 2002, p.113), no sentido em que cada mudança é entendida não como um processo disruptivo, mas como um progressivo movimento de continuidade e contiguidade estética e ética, no âmbito de uma coerência subjetiva socialmente balizada por zonas sociais de gosto que, embora dissociadas, não são consideradas incompatíveis ou antagonistas. Alguns destes jovens passam,

muitas vezes, para zonas de gosto musical que não são mais do que reatualizações sucessivas de uma mesma zona de gosto (do *punk* para o *hardcore*, do *metal* para o gótico etc.).

Eu comecei a ouvir metal, progressivamente, cada vez mais pesado, se assim podemos chamar, e a certa e determinada altura encontrei umas certas bandas que se vestiam de uma maneira parecida com certas e determinadas bandas góticas. E então, qual foi a minha ideia: “olha, espera lá, deixa lá ver que eu já vi umas quantas bandas que se vestiam com roupas parecidas e que andavam assim dessa maneira, mas que não tinham nada a ver com este tipo de música. Deixa lá ver o que é que se passa por ali...” E fui ouvindo com mais atenção, já que nessa altura já gostava um bocadinho mais de perceber a música e fui ficando. [...] Fui explorando o que havia, e depois mantive algumas e noutras voltei à base.
[Cozinheiro, frequência universitária, sexo masculino, 28 anos]

Essa *deriva* encontra-se, em larga medida, associada à própria flexibilidade das atuais fronteiras sociais e simbólicas destes universos, em constante e rápida fragmentação, dispersão, multiplicação e redefinição – dinâmica em muito devida à inserção destas *ondas* e respectivos recursos simbólicos numa crescente e cada vez mais diversificada indústria de consumos juvenis, direcionada já não para uma massa informe e tida como homogênea (a juventude, os jovens...), mas considerada na sua heterogeneidade e intenso desejo de autenticidade e diferença, através da aposta num tipo de *marketing tribal*¹⁰.

E depois, olha, é logo alto mercado. [...] Uma pessoa é gótica consoante o dinheiro que tem. [...] E é um mercado que é tão underground que, de um momento para o outro, cresce e faz-se dinheiro. [...] Tenho uma amiga minha que há uns tempos era toda *hardcore*. De um momento para o outro começou a ir a essa discoteca Lusitano, no Cais do Sodré, começou a interessar-se por metal, abriu uma editora e está a ganhar 400, 500 contos por mês só a vender CD's. Importa CD's de tudo que é sítio, especialmente da Noruega e de montes de países [...] tipo bandas esotéricas, góticas, mas acima de tudo *black metal*... E ela está aí a fazer montes de dinheiro, e já lançou até CD's de bandas portuguesas. E está muita gente a lutar nesse meio.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

O célere trânsito dos nossos entrevistados entre várias *ondas* observa-se ainda relacionado com a relativa estreiteza do universo *underground* em Portugal, onde muito frequentemente os jovens acabam por partilhar e participar dos mesmos eventos e espaços de difusão e celebração, desde shows, estúdios de gravação e centros culturais até bares, discotecas, escolas ou outros pontos de encontro cotidianos. Essas condições materiais de

¹⁰ O qual já não toma a heterogeneidade juvenil de um ponto de vista meramente sociográfico, baseado em características de gênero, classe ou escolaridade, mas de um ponto de vista das afinidades de gosto que unem determinados segmentos juvenis com capacidade e/ou vontade de consumo. Ver Bruno, 2000.

existência não só favorecem a agilidade com que circula informação musical e de outro tipo, como proporcionam uma intensa e regular proximidade social e simbólica entre os frequentadores de várias *ondas* musicais, promovendo um fenômeno de comunicabilidade entre os vários ocupantes desses espaços marginais, potenciador de uma espécie de *fusionismo* pela partilha de uma mesma condição *underground*.

Eu tenho amigos de tudo que é estilo! [...] A cena é saber o que ele é e o que eu sou. E respeitar. E não estar sempre com grandes divergências e com necessidades de autoafirmação, ou de ser idêntico a alguém... [...] As minhas ondas sempre foram um bocado de tudo. [...] Mas a cena é que não pertença ao grupo. [...] Cada pessoa que conheço é uma pessoa, não conheço as pessoas dum grupo.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

Eu, por exemplo, dou para todo o lado, gosto de música. [...] Tanto tô com uns como tô com outros. Conheço muitos, montes e montes de grupinhos daqui e dali, dou-me bem com toda a gente. [...] Passei por experiências novas, conheci pessoal que ouvia outros estilos de sons. [...] E com uma onda completamente diferente, dentro do pessoal que vai a concertos e que toca rocalhadas em bares... Porque é assim, ao fim ao cabo nós conhecemo-nos todos.

[Tatuador, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 24 anos]

Na experiência oceânica que resulta da mobilidade *style surfing*, estes jovens vão acumulando de forma eletiva e integrativa gostos, saberes e competências sociais que, na sua hibridação, funcionam como elementos distintivos dentro do espaço social *underground*, reunindo um *capital subcultural* (THORNTON, 1995) que se bricola subjetivamente não no sentido da convergência numa pertença grupal mas, fundamentalmente, da construção de uma *individualidade*. Tal evidência manifesta-se claramente no domínio musical. A adesão a novas zonas de gosto musical que a circulação entre as diversas *ondas* envolve, não implica o sequencial abandono das anteriores, quer em termos de audição, quer em termos de produção quando esta acontece, quer ainda em termos de frequência dos respetivos espaços sociais e simbólicos onde se estruturam.

Não há um tipo de música que eu já ouvisse que tivesse deixado de ouvir. Por exemplo, agora, o meu estilo de música é mais *black metal*, que é misturas de música étnica e medieval com *heavy metal*, assim mesmo a abrir... Assim como adoro música clássica. E são dois opostos. Assim como gosto de música dos anos oitenta, gosto de música assim em quase todos os estilos. [...] Tenho uma banda e nós, o estilo que tocamos... Eu te mostro duas faixas e tu nem pensas que é a mesma banda.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

Tirando o metal do antigamente, que nunca deixei de gostar de ouvir, também me dediquei um bocado ao designado gótico. E assim bandas da nova geração do que se faz

para aí de música, não sou muito adepto, ouço algumas coisas por curiosidade e vagueio um bocado por todos os géneros de música. A ver o que é que se passa de novo. [...] Daí eu não me associar hoje em dia a qualquer estilo de música, exactamente porque eu tenho gostos próprios. [...] Umas [bandas] podem estar situadas no dito movimento gótico, outras podem estar situadas no metal, outras podem estar situadas no hardcore. Mas eu gosto das bandas, não gosto dos movimentos.

[Cozinheiro, frequência universitária, sexo masculino, 28 anos]

Pelo contrário, a rotatividade entre diferentes *ondas* promove uma espécie de *eclétismo cumulativo* em termos dos conhecimentos e gostos adquiridos em matéria musical de *margem*, demonstrando um padrão de *consumo onívoro* (PETERSON, 1996), o qual pressupõe a multiplicação cumulativa de práticas culturais – neste caso, de fruição e criação de estilos musicais. Nesse processo cumulativo, o eclétismo irá funcionar como marca de singularidade distintíssima: as fusões que se estabelecem, perturbando a lógica socialmente espalhada da estrutura das zonas de gosto, permitem a construção e o apuramento de um gosto estético que, não deixando de ser efeito de uma intensa plurisocialização inter pares, é passível de ser simbolicamente apropriado e investido de um elevado valor de distintividade pessoal e intersubjetivamente entendível como tal.

REDES DE AFINIDADES SOMATIZADAS: SENSORIALIDADE E IMAGEM

Pode-se perguntar de onde advém o valor social e cultural atribuído ao fenómeno musical nestes contextos juvenis, considerando que não advém apenas da sociabilidade convivial que proporciona, ou seja, não resulta da dimensão estritamente relacional que convoca. Nestes contextos, o fenómeno musical apresenta-se vivido e apropriado num entrelaçamento indissociável entre arquitetura sonora, visão do mundo e, também, experiência sensorial¹¹. A sua força decorre da articulação expressiva não só das sonoridades com conteúdos¹², mas também das sonoridades com performatividades e emoções somáticas.

¹¹ Já Weber (1983) demonstrava que a música, embora resultado de processos técnicos e racionais, funciona também como recurso de vivências extáticas, pela energia e vitalidade sensorial que exige em palco e fora dele. Atualmente, vários autores, sobretudo os que lidam com aspectos relativos à fruição de música electrónica, têm acentuado a importância do carácter performativo e sensual inerente à apropriação destas formas musicais, a qual, em grande medida, passa pela dança enquanto modalidade fundamental de fruição, uma modalidade incorporada de apropriação musical. Ver, por exemplo, Malbon, 1999, Reynolds, 1998.

¹² Eyerman e Jamison já haviam localizado o papel determinante da música e respetivas líricas na produção das “identidades coletivas” e nas formas de ativismo associadas aos “novos movimentos sociais”, sublinhando o papel didático que desempenham ao “fornecer aos atores fontes de significado e identidade a partir das quais constroem coletivamente a sua ação social” no sentido de perceberem “quem somos e o que pretendemos fazer” (EYERMAN; JAMISON 1998, pp.161-162). Também alguns dos entrevistados, nos seus momentos de fruição musical, dizem procurar nas posturas e discursividades das suas bandas preferidas, encontrar eco e estabelecer uma relação de identificação com os seus próprios ideais, bem como obter ganhos de reflexividade acrescidos no sistema de valores

É na exploração do universo de sensações corporais – da *sensorialidade* que proporciona, nas suas várias formas de produção e modalidades de fruição – que o valor expressivo da música é mais investido nas mais recentes microculturas juvenis. Nestas, a música não é vivida apenas como uma experiência estética e ética, no sentido estático, cognitivo, passivo e contemplativo da matriz kantiana, mas sobretudo como experiência de *aisthesis*, conceito que “remete originariamente para as atividades relacionadas com a sensação e a percepção” (CRUZ, 1991, p.57).

A música toma o corpo dos jovens não apenas pelo ouvido ou pelo cérebro, mas *encarna-se* literalmente, quer na emoção que sentem na pele (*feeling*), quer no movimento que a reflete corporalmente, socialmente codificado como dança. Por outras palavras, a vivência hedonista e celebratória da música advém da dimensão sensual que lhe é investida enquanto experiência corporalmente (con)vivida. Isso acontece, nomeadamente, em shows ou festivais, situações únicas e de exceção que, dado o ambiente de vitalidade sonora, densidade proxémica e tangibilidade física que propiciam, reúnem condições ideais para a exploração sensitiva das *performances* corporais.

Os contornos formais desses eventos tornam-nos exemplos privilegiados de formas de *solidariedade sensual* (MELLOR & SHILLING, 1997, pp.173-174), ou seja, formas contemporâneas de socialidade que, situadas na esfera do consumo, são estimuladas e construídas no envolvimento, absorção e imersão corporal em contextos de “efervescência colectiva”¹³. São formas frágeis e etéreas de socialidade, voluntárias, relativamente fragmentadas, efêmeras e fluidas, que envolvem a partilha de sentimentos, experiências e emoções radicadas em situações circunstanciais de intercorporalidade intensa, despondo afinidades, afetividades e lealdades que podem desaparecer quando retiradas do seu contexto particular. O balançar dos corpos individuais ao ritmo dos movimentos dos corpos que lhe são contíguos, junta-se à efervescência coletiva presente nos *moshes* que se formam nas plateias, onde “os jovens agitam-se em abandono, chocando entre si, como se, sinestesticamente, balançassem num mar dionísio de braços, pernas e suor. Alguns sobem ao palco, daí mergulhando na multidão que os acolhe” (PAIS, 2004, p.16).

As experiências sensoriais que estes tipos de situações e eventos proporcionam são, não raras vezes, intensificadas por substâncias psicotrópicas consumidas previamente ou no seu decorrer. São tempos de ruptura festiva no quadro das rotinas cotidianas, dando lugar a contextos relativamente permissivos a consumos de evasão que, no quadro da cotidianidade, são entendidos como excessos transgressivos, como o consumo

subjacente à sua ética de vida. Alguns dos que são produtores, encontram na força expressiva da palavra associada à música e dos canais de difusão desta, um instrumento privilegiado de intervenção e mudança social, através do qual tentam dar a conhecer e disseminar as suas crenças, representações e valores sociais.

¹³ Conceito durkheimiano que dá conta dos estados de exaltação psíquica coletiva que ocorrem em determinados momentos de exceção social, e onde uma sociedade “sai fora de si”. Segundo Durkheim (2002), as paixões e sensações que tais eventos impulsionam, constituem uma oportunidade para que as representações coletivas alcancem o seu máximo de intensidade. Trata-se de um dinamismo que transgride e, ao mesmo tempo, alimenta e regenera o social, no sentido em que cria *re-ligiosidade*.

de álcool e drogas, e investidos de um significado de libertação de amarras sociais. A transgressão e a rompimento de limites são desafios que proporcionam uma sensação de liberdade. Porém, dentro dos limites que sutilmente impõem, esses eventos acabam por disponibilizar um contexto propiciador de *excitação* enquanto exercício controlado de descontrolo (ELIAS; DUNNING, 1992). A força vibrante do dado sonoro, das letras, da proxémia do ambiente, em conjunto com a bebida e algumas drogas, faz *sentir* intensamente o corpo, como um todo homogêneo e indivisível, misturando batidas sonoras e batidas cardíacas.

Lá [na Alemanha] foi um Festival que durou três, quatro, cinco dias! Aquilo eram, sei lá, 30 mil pessoas! Era só relva, e as bandas que eu sempre adorei, desde heavy metal, do heavy metal mais clássico até ao mais... [...] Este ano se juntar dinheiro vou outra vez à Alemanha. Curtia mesmo poder ir. Agora vou a um festival também, que é em Dynamo, na Holanda. Só que é um festival de carácter mais geral. É grupos tanto de *hardcore*, como *punks*, como de *metal*, como cenas mais pop, é tipo o Sudoeste português, só que maior, claro. Cheguei lá e nunca pensei ver 25, 30 mil pessoas. Aquilo havia pessoas!... Tive lá uns dias mesmo loucos. Eu estive constantemente um bocado bêbedo, desde a viagem, com altas garrafas...
[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

O álcool e as drogas funcionam para alguns desses jovens como “paraíso artificial” que, ao permitir relativizar a realidade no sentido de a tornar aparente, propicia uma forma de evasão a um cotidiano opressivo e rotineiro (DUMAZEDIER, 1988, p.62). Alterando as percepções habituais, esse tipo de substâncias permite a idealização subjetiva de um novo mundo, um mundo de sensações novas que desvaloriza o mundo real e a ele se sobrepõe. Sobreposição evasiva essa que, dada a consciência da sua aparência, se pretende experimentada e guardada para momentos de exceção, e não continuamente cultivada. Aliás, as situações de dependência ou adição face aos consumos de drogas e álcool são objeto de censura, mesmo por parte daqueles que já passaram por esse tipo de situação, na medida em que significam a perda do controlo que detêm sobre si próprios e a sua vida

As várias formas de apropriação do dado sonoro, em conjunto com as drogas e bebidas alcoólicas, operam como “ingredientes na arte de bem viver” (PAIS, 1994, p.104), consumos relevantes na estruturação do estilo de vida celebratório que estes jovens cultivam na sua vivência cotidiana. A *ética de celebração* que orienta o seu estilo de vida, para além de altamente somatizada, surge nitidamente associada aos momentos de lazer dos jovens entrevistados, encarados como tempos de ruptura, insurreição, liberdade e evasão relativamente às obrigatoriedades rotineiras do tempo de trabalho. Fora do tempo espartilhado pelo trabalho e obrigações diárias, geralmente vivido como um tempo pouco gratificante do ponto de vista da realização e expressão pessoal, a vida destes jovens é para ser vivida festivamente, com intensidade e prazer, aberta a novas experiências, à exploração de diferentes sensações e imagens, à comunicação, à partilha, ao convívio, sempre na perspectiva da liberdade como fundamento da acção.

[O meu cotidiano] é levantar cedo, ir para o trabalho, passar lá oito horas, vir para casa e dar banho ao garoto enquanto ela faz o jantar. Depois à noite, olha, ou vou um bocadinho para o computador me entreter ou vou até à rua ter com o pessoal. Mas é assim todos os dias e só ao fim de semana é que um homem se estica. Só ao fim de semana é que um gajo se estica assim: vai curtir concertos, ensaio, pronto, tenho a minha banda. Curto sempre ter uma banda, 'tás a ver. A música é aquela base. [...] É ir ao fim de semana ter com o pessoal, ouvir umas gargalhadas. Pessoal que tem a ver com a onda, 'tás a perceber. [...] Eh, pá, isso é, petiscos e bebedeiras. É giro, é fumá-las e bebê-las e rir! Pá, é curtido, 'tás a ver! É curtir seja aonde a curte for. Pá, à procura da melhor gargalhada, 'tás a ver. Fumas, enches a cara. É curtir, tentar ir a concertos. Concertos é o nosso ambiente. Habitat natural é concertos, seja no palco, seja cá em baixo. [...] Quem quiser dar nas drogas, dá. A única coisa que eu condeno é a gente ser dependente. Seja de álcool, seja de qualquer tipo de droga, 'tás a ver. O que eu condeno é a dependência. Mas uma pessoa que souber dar, pá, isso é feito para curtir, então curtam. Sejam é moderados. Se forem moderados ainda vivem uma vida a curtir. Senão, estão fofos, que é mesmo assim. [...] Pá, porque eu sou um gajo que gosta de experimentar e qualquer gajo que curta aprender, gosta de experimentar. Então tive de experimentar. Felizmente não fez nada de mais, só me fez foi curtir.

[Electricista na construção civil, 8º ano, sexo masculino, 28 anos]

A dimensão *somo* ou *biossociabilística* da música revela-se ainda enquanto poderoso meio de produção, legitimação e difusão de modelos de corporeidade junto dos jovens que participam de contextos microculturais. Dentro destes, o corpo icônico veiculado pela mídia, nomeadamente aquelas de promoção e divulgação musical (revistas, programas televisivos, documentários, videoclipes, internet etc.), surge amplamente reconhecido como significante cultural indutor de *mimesis*¹⁴. As afinidades imagéticas entre os ícones musicais e os visuais dos jovens que os ouvem são amplamente referenciadas por estes últimos, atitude que funciona não só como forma de manifestar a sua admiração e dedicação para com os ídolos, mas também como tentativa de captação simbólica para si próprio da singularidade de certas personagens mediáticas. A música estende-se de tal modo no processo de construção da identidade individual e social destes jovens que chega a constituir referência para um novo nome, correspondente a uma nova condição identitária do sujeito.

Se eu nunca tivesse visto ninguém com brincos, provavelmente também não os usava. E há telediscos de referência. [...] Para mim, a música, foi lá que eu fui buscar as tais inspirações, as tais influências, entre aspas. Foi a época em que eu fiz a minha primeira tatuagem, quando comecei a ver aqueles gajos com o piercing na mama, sobranceiras, todos tatuados. [...] Quando comecei a ouvir Heavy Metal, comecei a deixar crescer o

¹⁴ Entende-se como *mimesis* o processo sócio-cognitivo que medeia a experiência entre o mundo interior e o mundo exterior ou, por outras palavras, entre o mundo corporal e o mundo social (KLEIN, 2003, p.47). Implica a aptidão cognitiva de olhar sobre uma realidade e de representá-la sensualmente, de *citá-la* na forma de reprodução de uma imagem ou movimento corporal.

cabelo, uma moda que houve de se usar blusões com bicos, dorsais. E eu sou o [algunha por que é conhecido] justamente por causa disso, por ter usado os dorsais dos Megadeath.
[Fiel de armazém, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

Modulada pela(s) música(s) que se escuta(m) e que se faz(em), a mobilidade *style surfing* tende a resultar não apenas em transformação na zona de gosto musical, mas também nas imagens corporais dos seus adeptos. De fato, dada a sua expressão pública, enquanto conjunto de recursos mobilizados na construção de uma imagem corporal, os *visuais* constituem outra das dimensões de afinidade electiva presente nas *ondas juvenis*. Daí a recorrência da utilização do termo *cena*, a par da *onda*, na designação nativa deste tipo de dinâmica sociabilística estruturada em torno do estilo. A categoria *cena* evoca a dimensão dramática, encenada e performativa característica destes espaços sociais, onde os investimentos imagéticos e cinéticos do corpo desempenham um papel fundamental. Para *estar em cena*, prefiguração do existir no campo musical, os jovens socorrem-se de apetrechos e de um guarda-roupa para “vestir o papel”, assumir uma *fachada*, que será o mesmo que *excorporar* a imagem mais ou menos convencionalizada no espaço de atuação social¹⁵.

Dada a visibilidade da sua manifestação, o visual estabelecido em cada *cena*, normalmente inspirado nos modos de aparecer das celebridades que lhe dão forma e conteúdo musical, constitui o meio mais valorizado não só na expressão pública da identificação pessoal com determinada *onda*, como na promoção da distintividade desta relativamente a outras e no reconhecimento social recíproco dessa adesão. Por outras palavras, para além de expressar o compromisso individual com uma determinada *cena*¹⁶, expressa também a presença social de uma certa homologia e cumplicidade estética e ética, uma relativa convergência entre os seus adeptos.

[A roupa] Ajuda-me a identificar, ajuda-me muito a identificar. [...] Curto bué [muito] da roupa e sinto que estou a vestir mesmo a roupa dos meus sentimentos, ‘tás a ver! A roupa que condiz com aquilo que um homem pensa e que acredita, ‘tás a ver. Pá, e a

¹⁵ Sobre o conceito de *excorporação*, ver Ferreira, 2007a.

¹⁶ Compromisso esse que pode ser formalizado segundo diferentes graus, desde o mais fraco e efêmero, ao mais forte e duradouro. Já Hebdige atentava para o fato da subcultura poder “representar uma dimensão maior na vida das pessoas [...] ou pode ser uma pequena distração, como que um alívio das monótonas mas, não obstante, abrangentes realidades da escola, casa e trabalho. Pode ser usada como um meio de fuga, de total desapego ao contexto circundante, ou como uma maneira de se reajustar de novo e estabilizar, depois de um fim-de-semana ou uma noite de descompressão” (HEBDIGE, 1986, p.122). O grau zero de adesão a uma *onda* ou *cena* juvenil é habitualmente expresso através da adoção às suas convenções mais visíveis, ou seja, a sua imagem padronizada, o seu “uniforme subcultural”. A este segmento de *pretendentes* contrapõe-se um “núcleo duro”, os *genuínos*, em grande medida constituído pelos adeptos com um compromisso mais forte e duradouro com a *onda* ou *cena*, os quais muitas vezes fazem depender da *cena* o seu projeto de vida, responsabilizando-se profissionalmente pela produção e difusão dos bens e canais que estão ao seu serviço simbólico. São, em suma, os que dela sobrevivem *full-time* e os que a fazem sobreviver. Nesta segmentação, os *genuínos* rotulam de *wannabe* os que apenas aderem a formas mais convencionais e estéticas de pertença, como os *visuais*, acusando-os de “superficiais”. Sobre a *anatomia das cenas juvenis*, ver Grossegger et al. 2001 e Bennett e Peterson, 2004.

roupa identifica, ‘tás a ver. [...] Quando eu vou para o pé daquele movimento onde eu me sinto em casa, dá-te mais aquele *feeling*: “yeah, fogo, vou para lá, vamos marcar a cena toda.” [...] Se fores a reparar, quanto maior for a festa mais a rigor tu vais!

[Electricista na construção civil, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 28 anos]

Depois à volta disso, da música, há sempre o visual. [...] As minhas mudanças em termos de visual não têm sido assim muitas. [...] Comecei a usar roupa escura e exatamente até hoje... Houve ali um período que adorava música punk. [...] Sim, comecei a ouvir [outro tipo de música durante essa época]. [...] Nessa altura deixei crescer um bocado o cabelo, assim só tipo gel, meio *punk*. ‘Tava a curtir... Se calhar, via os gajos todos das bandas que eu curtia com o cabelo assim... Mas foi pouco tempo, foi tipo um ano, por aí, não me lembro... Depois pronto, sempre tive cabelo comprido.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

A intensa circulação por *cenas* musicais diversas que denota a trajetória de vida destes jovens, é acompanhada de oscilações e fusões várias nos respectivos visuais, na procura de uma identificação, enquadramento, reconhecimento e legitimidade social para uma subjetividade que se constrói como diferente, entre agrupamentos eles próprios categorizados como marginais em virtude da sua localização socialmente ex-cêntrica. Ao longo desse processo, descobrem-se convenções e padrões, desconstroem-se auras imaginadas de singularização (como a dos uniformes subculturais, por exemplo) e redescobrem-se outros recursos passíveis de singularizar o sujeito no mundo social. É um processo que envolve um trabalho de criação, de construção e de fusão de recursos identitários, em suma, um trabalho de *bricolage* em torno de referências musicais, visuais e de outras componentes do estilo de vida, desenvolvido ao longo da adolescência e convergindo, posteriormente, num certo ecletismo musical e imagético potenciador de um sentimento de singularização social, em consonância com uma política de vida que se pretende individualizada.

Quando era mais pequenino estive enquadrado na classe dos metálicos, se assim quisesse, de cabelo comprido, foi assim a primeira revelação musical e visual. Depois, quando veio a filosofia agnóstica, o niilismo, então aí começou a ser o visual mais *punk*. E depois, aí acabou a necessidade de identificação com este ou aquele grupo, e passou só a ser aquilo que... a estar e a ser como me sentia bem, sem me preocupar com isso... [...] Já não há... vá lá... uma necessidade de me guiar por aquilo que os outros vestem ou por aquilo que os outros aparentam como forma de me aproximar. Eu tenho uma maneira muito *sui generis* de me vestir. E quem goste, se quiser, copie!

[Profissional de *body piercing*, frequência universitária, sexo masculino, 25 anos]

Eu considero-me eu. Eu sou eu, não ponho rótulos a mim próprio. Não sou um *punk*, não sou um anarca, não sou um esquerdista radical, não sou *skinhead*, não sou neo-nazi, não sou nada dessas porcarias, não tenho um rótulo. [...] [O visual] Tem que ter a ver comigo, com essa tal sociedade imaginária que eu vivo. Tem que ter a ver comigo, não ando atrás das modas. [...] Se calhar estes ténis não têm nada a ver com estas calças, não

têm nada a ver com as tatuagens e os piercings. Se calhar não têm nada a ver com tudo, mas isto tudo junto se calhar já tem a ver com a minha maneira de pensar. Eu não ligo às coisas por elas terem a ver umas com as outras, porque os outros dizem que fica bem. Eu ponho as coisas consoante o que gosto.

[Fiel de armazém, 7º ano de escolaridade, sexo masculino, 23 anos]

A célere e acentuada complexificação e dispersão reticular da estrutura social do universo *underground* (não oferecendo formas culturais claras, coesas e homogêneas, mas alianças culturais mutáveis e transeuntes, produtoras de identidades densificadas em feixes de identificações híbridas, fluidas, difusas e ambíguas que, assim, permitem a fuga às categorizações e homogeneizações subculturais estereotípicas e tradicionais), favorece o acento de uma sensibilidade individualista entre os seus participantes. O fato de constituírem *nós sociais* minoritários e socialmente difusos por entre as redes que os interligam cotidianamente, vem conceder aos seus membros, à partida, as condições ideais para que cada um deles sinta, viva e *imagine* esse laço social de uma forma pessoalmente distinta, onde todos, tacitamente, colaboram reciprocamente na legitimação e enquadramento social da diferença do par.

Com efeito, a sua estrutura fluida e descomprometida dissimula a construção de identidades coletivas, em concomitância à produção e legitimação social de identidades que se representam individualmente e se apresentam socialmente como *diferentes*, onde é possível partilhar e exercer um sentido de alteridade proporcionado pela distinção dos modelos de imagem corporal convencionais e de estilo de vida da cultura dominante. Nestas brechas intersticiais¹⁷, os jovens encontram espaços de confirmação social individualizadora, formas de troca social que se baseiam no respeito e no reconhecimento mútuo da diferença individual, para além do prazer recíproco e confortável de estar junto na partilha do culto pela distintividade individual.

Nessa perspectiva, as microculturas são contextos onde a conexão entre individualidade e não conformidade no estilo de vida é elevada, conferindo um poder de distinção e de originalidade à subjetividade que, em contato com eles, é construída. Proporcionam polos de identificação que oferecem condições de produção simbólica do *self* enquanto *individualidade* distintiva, livre e autêntica, na medida em que não só não exigem um elevado grau de compromisso social e ideológico, como oferecem um pacote estilístico (vendido como) relativamente diferente e marcado pelo excesso, numa combinação entre atividade comunal (suportada por situações e meios expressivos e comunicativos diversos) e ideologia individualista.

¹⁷ Thrasher (1967), em 1927, no contexto da Escola de Chicago, designava de *sociedades intersticiais* os agrupamentos juvenis que proliferavam nas grandes cidades norte-americanas. A noção de *intersticialidade* remete para zonas ao mesmo tempo topográficas, económicas, sociais e morais que se abrem na organização social, fissuras no tecido social que são ocupadas e aproveitadas “por todo o tipo de náufragos, por assim dizer, que buscam proteção da intempérie estrutural a que a vida urbana os condena” (RUIZ, 2002, p.116).

As ocasiões que proporcionam e os meios de que dispõem dotam esses espaços de uma importante vitalidade societal, promovendo entre seus simpatizantes mobilidade e intercâmbio, encontros e conexões¹⁸. Confere-lhes, simultaneamente, alguma segurança e conforto social perante os riscos de sanções sociais que advêm da sua assunção pública, no que podem oferecer em termos de solidariedade na partilha do sentido de (des)harmonia com o mundo social.

Tu podes achar estranho, mas eu acho que ter uma onda... eu não sei bem como dizer isto de outra maneira, é bom, é saudável e é importante, porque é uma forma de te realizares contigo própria e de te procurares, percebes? Obrigá-te a mexer, pronto. Porque nos valoriza, porque nos une com certas pessoas, porque nos dá vontade, por exemplo, de viajar, de nos movimentarmos. É muito engraçado, todos os dias fico contente, eu escrevo-me com imensas, não é com pessoas, mas recebo mensalmente publicações e não sei quê, e é engraçado! Não sei, acho que é uma forma de te sentires realizado. [...] É uma maneira de tu, no fundo, estares um bocado a par dos eventos, dos concertos, dos festivais a que nós normalmente também vamos, sempre que podemos, quando é para uma coisa de mais interesse, como é óbvio. [...] Isso é sempre engraçado, sentes-te como um peixinho dentro d'água, que é uma coisa que normalmente não te sentes no dia a dia. É muito agradável.
[Profissional de *body piercing*, 9º ano de escolaridade, sexo feminino, 34 anos]

Assim, são círculos sociais que protegem os seus protagonistas contra a impessoalidade, transportando-os para um cenário conectado com uma lógica de *autenticidade* que lhes permite perseguir o que entendem ser a individualidade do seu *eu*, projetando-o num universo simbólico onde os jovens descobrem a oportunidade de (re)inventar a sua própria identidade. É nesse cenário que alguns teóricos pós-subculturalistas têm enfatizado as dinâmicas de construção da “identidade pessoal” em detrimento da “identidade grupal”¹⁹. Nas sociabilidades microculturais mais recentes encontram-se formas sociais construídas em torno de uma sensibilidade individualista, no âmbito das quais

¹⁸ Nomeadamente através de mídia de nicho ou micromídia (THORNTON, 1995, p.162), publicações não profissionais de pequena tiragem e circulação, em grande medida especializadas em música e estilo, nascidas para dar visibilidade à produção musical e de outras formas culturais (banda desenhada, poesia, ensaio, fotografia, modificações do corpo etc.) habitualmente à margem dos circuitos culturais mais comercializados. O fato de se tratarem de materiais muitas vezes produzidos, publicados e distribuídos pelos seus próprios criadores, na base de uma ética *DYS* (*do it your self, think for your self, be your self*) constrói a ilusão junto destes de que não são constrangidos pelas forças do mercado da “cultura comercial” e do “consumo capitalista”, exercendo e mantendo a respectiva “autenticidade”. Ducombe destaca o caso específico dos *fanzines*, apresentando-os como um “mundo idiossincrático” (1997, p.177) que hoje sobrevive como suporte de opinião pessoal, de narrativas de experiências pessoais, de escrita criativa dos respectivos agentes. Um espaço aberto à *autoria*, portanto, já pouco disponível à escrita panfletária dos manifestos coletivos que o caracterizavam.

¹⁹ Ver Bennett e Kahn-Harris; 2004, Muggleton e Weinzierl, 2003 e Muggleton, 2002.

as identidades produzidas tendem a ser dominadas pela rejeição de etiquetas fusionistas e, em simultâneo, pela celebração e expressão coletiva das distintividades individuais²⁰.

O individualismo emerge assim como forma retórica central e valor ideológico estruturador das práticas agenciadas nos atuais espaços microculturais, traduzindo-se expressivamente na forma personalizada que reveste a apropriação de diversos “recursos identitários do *underground*” (DUNCOMBE, 1997, p.26), recursos desconhecidos, pouco acessíveis ou estigmatizados pela maioria, pelo Outro massificado e homogeneizado na categorização realizada a partir da minoria²¹.

REDES DE AFINIDADES AFECTIVAS: NA “RUA” ENTRE “AMIGOS” E “CONHECIDOS”

Hoje em dia, os pertencimentos sociais a contextos microculturais não são, como se viu, exclusivistas e baseadas em compromissos de longa duração. Os jovens surfam por várias *ondas*, representam em várias *cenais*, paralela e/ou sucessivamente. Ao vaguear por diversas ondas, acumulam um importante capital de relações que, na sua fragmentação, se vai construindo em *rede*. Na sua estrutura dispersa e reticular, tais laços amicais surgem devidamente hierarquizados, gradação que é produzida em torno de duas principais categorias nativas: os “amigos” e os “conhecidos”.

Esses últimos estruturam redes de relações sociais meramente conviviais, com quem se partilha, em determinadas situações sociais mais ou menos casuísticas, cumplicidades éticas e estéticas com espessura mais identificativa que afetiva. O sentido de coesão destas redes constrói-se, em grande medida, em torno do som que se ouve e da imagem que se apresenta, dimensões privilegiadas de identificação, expressão e de afinidades na relação entre jovens, consubstanciados em diferentes estilos musicais e visuais. Em suma, os “conhecidos” densificam-se em *redes de afinidades musicais e somatizadas*, configuradoras de *zonas sociais de gosto* que são definidas pelo jogo de proximidades, reciprocidades e distâncias que dá forma às actuais “geografias culturais e sociais” dos jovens (VALENTINE et al, 1998).

²⁰ Essa ênfase acontece pelo menos em termos analíticos e de preocupação de verificação empírica, mas, para todos os efeitos, não se sabe se essa sensibilidade individualista não estaria igualmente presente nos primeiros movimentos juvenis. Será que os *dandies* românticos do século XIX, bem como *beats*, os *teddy boys* ou os *hippies* dos anos 1920, 1950 e 1970 já não detinham essa sensibilidade, na sua diversidade e fragmentação interna? Há um século atrás, Simmel já relacionava a existência de uma “multiplicidade de estilos” com o acentuar do individualismo (SIMMEL, 1997). Muitas vezes, a pós-modernidade não está presente na realidade mas nas leituras que dela se fazem.

²¹ Entre esses recursos, destaque-se o caso das tatuagens e *body piercings*, recursos imagéticos sobrevalorizados na construção dos visuais destes jovens justamente por adquirirem, no ponto de vista dos seus usuários, um sentido mais singularizador do que unificador. Apesar do seu extremo valor na construção de visuais oposicionais, as marcas não detêm um estatuto simbólico de *convenção* como outros artefactos presentes nos uniformes subculturais. Mais do que expressão de pertença a um círculo social delimitado, as tatuagens funcionam como signo autobiográfico (FERREIRA, 2004, 2007b, 2008).

Essas zonas sociais não são, todavia, *totalizantes* das redes de sociabilidade destes jovens, na medida em que não dominam as suas relações amicais. Existem laços sociais para além delas, e emocionalmente mais fortes, estruturados em função da sua antiguidade, do tempo efetivamente passado junto, da reciprocidade afetiva estabelecida entre “amigos”. Os “amigos” correspondem ao núcleo duro de relações sociais que, muitas vezes partindo de cumplicidades meramente identitárias, pressupõem uma trajetória de vida comum e relativamente duradoura, ao longo da qual se vai selecionando e acumulando um capital social dotado de uma densidade de experiências emocionalmente profunda e biograficamente significativa. Vão além da *rede de afinidades*, condensando uma *rede de afetividades*: se entre os “conhecidos” se partilha, entre outras coisas, um “som”, um “concerto”, um “charro”, uma “bebedeira”, um “visual”, ou até uma boa conversa sobre tatuagem e *body piercing* pelo simples prazer de se estar junto, entre “amigos” partilha-se bem mais do que isso, partilha-se uma história de vida unida pela lealdade, afeto e intimidade²².

Os meus amigos *rock 'n' bilis* são os meus amigos *rock 'n' bilis*. E eu ponho-os um bocadinho separados, porque, para te ser honesta, aquele amor que eu tenho pelos meus outros amigos que são anteriores, é diferente. [...] É uma relação diferente, é mais sempre que nos vemos, não é como aos outros amigos, que é tipo ao domingo, com os filhos, com as crianças, conversamos, nas férias e tudo. Com eles não, com eles é diferente, é sempre em festas, em concertos, em encontros nesse gênero de ambiente. [...] Os meus maiores amigos, os meus grandes amigos, na altura até, não têm assim grande coisa a ver comigo, a nível de visual. São meus amigos. E hoje em dia continuo a ter os mesmos amigos, há muitos, muitos anos, assim aqueles mesmo a sério, e são pessoas que não têm nada a ver!
[Profissional de *body piercing*, 9º ano de escolaridade, sexo feminino, 34 anos]

Quando saio à noite e vou a um sítio onde eu gosto do som, é lógico que conheço lá pessoas, mas não são meus amigos. Vestem-se todos como eu, mas não é por isso que são meus grandes amigos. [...] Podia conhecer uma pessoa e até achar fixe, mas não tinha que ser grande amigo só porque os dois tínhamos três brincos no nariz. Sempre tive amigos de todas as ondas.

[Estudante universitário, sexo masculino, 20 anos]

É sobretudo em torno da rede de afetividades eletivas que sucede uma hiper valorização da rede amical por parte desses jovens, frequentemente concomitante à desvalorização da rede familiar como Outro significativo, de referência e de identificação. É aí, na estrutura de lealdades e afetividades construídas e selecionadas a partir da adolescência, que

²² Dayrell (2002, 2005) também deu conta das diferentes gradações e densidades afetivas existente nas relações entre jovens, distinguindo as relações mais sólidas entre “aqueles que são mais próximos (os “amigos do peito”, muitas vezes referidos como “família”) e as relações mais fluidas estabelecidas com os mais distantes (a “colegagem”), referindo a “intimidade” e “a confiança mútua” como condições fundamentais para a estabilidade a longo prazo que os parceiros possam atingir.

os jovens sentem não apenas um espaço de partilha de gostos e de ideias, mas também a vivência de uma união relativamente desinteressada, sem exigências recíprocas.

[Os amigos] acho que é daquelas coisas que eu posso falar que é a minha segunda família. Se calhar até é a primeira, por isso é que eu digo que sou um menino de rua. Tenho bastantes amigos, e sou capaz de dar mais a mão aos meus amigos do que aos meus [familiares].

[Tatuador, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 24 anos]

Eu tenho amigos de há vinte anos que, por questões profissionais, não estamos juntos, porque a minha vida é sempre a viajar lá fora, e muitas vezes estamos afastados. Mas os meus amigos chegados é como se fossem a minha família, é a minha família, pronto.

[Gerente de estúdio de tatuagem e *body piercing*, 9º ano de escolaridade, sexo feminino, 39 anos]

Os contextos favorecedores de estruturação dessas redes de sociabilidade convivial, quer na sua versão mais alargada de “conhecidos”, quer na sua versão mais restrita de “amigos”, localizam-se temporalmente na adolescência, sendo muito difusamente situados, em termos sócioespaciais, na “rua”²³. Essa designação não configura apenas ao espaço funcional e territorial de residência, mas corresponde a um lugar metafórico construído por contraposição a espaços institucionais como a “casa” (domínio da estrutura parental) ou a “sala de aula” (domínio da cultura escolar mais institucional), sentidos como *espaços estriados*²⁴, marcados pelo controlo social e pela imposição de disciplinas, em relação aos quais já não se identificam e pretendem emancipar-se.

A “rua” de que esses jovens falam é, por sua vez, entendida como um *espaço liso* por excelência, desinstitucionalizado, livre de constrangimentos, propiciador de novas experiências nas (con)vivências que proporciona, interações carregadas de afinidades e afetividades. Daí o seu intenso usufruto desse espaço. Em termos mais concretos, quando estes jovens falam da “rua”, referem-se aos contextos exodomiciliares de que passam a participar a partir da adolescência, localizados nas orlas dos seus cotidianos, nos *interstícios* dos bairros onde residem, das escolas onde andam, dos espaços noturnos de celebração musical e sensual que frequentam.

Sendo jovens que, a dada altura da sua adolescência, encetam um processo de construção de uma subjectividade autoproclamada como “diferente”, performativamente expressa através da assunção de visuais mais *espetaculares* (ABRAMO, 1994), começam a sentir dificuldades de enquadramento nos marcos sociais simbolicamente representativos do

²³ Sobre sociabilidades juvenis de “rua”, ver Jeffrey, 1995, MacDonald e Shildrick, 2007, e Sposito, 1993.

²⁴ A noção de “espaço liso”, em oposição à de “espaço estriado”, é de Deleuze (1980), noções que têm vindo a ser exploradas por Pais (2000, 2001) no âmbito das culturas juvenis, para dar conta dos espaços intersticiais e heterotópicos que os jovens encontram para darem razão às suas performances expressivas e criativas, em contraposição aos espaços institucionais e controlados que (pre)tendem enquadrar os seus contextos de vida.

normativo, bem como dificuldades de adaptação às tradicionais estruturas sociais mais institucionais e burocratizadas, onde tendem a (pré)dominar lógicas prescritivas, rígidas, uniformes, rotineiras e coercivas de ação.

A “rua” e as redes de sociabilidade que a partir dela se estruturam, proporcionam-lhes um espaço convivial de natureza informal e lúdica, onde sentem que podem viver longe dos olhares disciplinadores da família e dos professores, ou seja, à margem das instituições que tradicionalmente o enquadram e controlam, à distância dos interditos que tais instituições ditam. Simultaneamente, concedem-lhes um amplo espaço de possibilidades de ação e uma ampla margem de liberdade para concretizá-las, permitindo-lhes experimentar os limites da sua própria individualidade, bem como toda uma nova ordem de referências sociais e simbólicas que colocam esses jovens no mundo sob novas condições sociais e culturais, no âmbito de novos coletivos e regras comuns.

Nessa perspectiva, as redes sociais criadas “na rua”, passam a ocupar um lugar central nos núcleos de interação e sociabilidade cotidiana desses jovens, acabando por funcionar como espaços alternativos, relevantes e relativamente autônomos de *sociedade inclusiva* (DRILLING; GAUTSCHIN, 2001, p.313): por um lado, começam por constituir espaços sociais de acolhimento e aceitação para quem, noutros contextos (como na família e na escola, por exemplo), sente algumas dificuldades de integração; por outro, acabam por fornecer aos jovens que os integram toda uma panóplia de recursos simbólicos que vêm (re)modular as suas estéticas e éticas de vida.

Eu, desde muito cedo, tive um ambiente familiar em que não me enquadrava, em que não encaixava, e procurei na rua e nos amigos aquilo que não me davam em casa. E... provavelmente através disso, conheci uma série de pessoas bastante mais velhas do que eu, e baseei-me nos exemplos deles para ver o que é que se estava a passar à minha volta. E comecei a entrar em contato com realidades que não tinham a ver propriamente com a minha idade, mas com uma idade um pouco mais avançada. E comecei desde mais cedo a questionar, primeiro a observar e depois a questionar, aquilo que me era dito. [...] E então, aí começa a haver o confronto a nível familiar. E o ambiente da rua, é aquele onde a gente vive bem, onde há pessoas que nos entendem, partilham dos mesmo interesses, as mesmas idades e as mesmas experiências que nós. Então aí há o choque! Há um ambiente familiar, uma unidade protetora, que se confronta com aquele ambiente sem regras, em que nós nos sentimos bem. Depois há uma partilha no modo de ser e no modo de estar. E acho que é um pouco aí que está a grande aprendizagem em relação ao modo como o mundo funciona! Eu hoje sei o que sei, não foi propriamente porque o tenha aprendido em casa, mas também não terá sido só com aquilo que aprendi na rua. Será aquilo que, ao fim de alguns anos, conseguiste conciliar deste mundo e de outro.

[Profissional de *body piercing*, frequência universitária, sexo masculino, 25 anos]

Por fim, concede ainda a esses jovens um sentimento de segurança proporcionado pelo pertencimento a um grupo que pode funcionar como *comunidade defensiva* (MCDONALD, 1999, p.203), num contexto onde a necessidade de proteção começou

a ser uma realidade com sentido. A hiperfragmentação e diversificação de ondas e cenas juvenis nas últimas duas décadas em Portugal, algumas delas ancoradas em traços corporais e culturais profundamente “racializados” (como os *rappers* e os *skins*, por exemplo), a par da sua proximidade e concentração nos contextos espaciais de celebração convivial, trouxe à “rua” onde esses jovens circulam alguma *tensão subcultural*, por vezes manifesta em diversas formas de conflito verbal e físico, onde as suas respectivas redes amicais poderão ser potencialmente chamadas a intervir no sentido da proteção ou até mesmo da defesa pessoal.

Eu curto as ruas. É onde eu quero andar sempre e, como eu te disse ainda há pouco, a melhor subcultura para andar aí, que eu vejo, ainda é o movimento *skin*. [...] Eu não sou nenhum guerreiro, eu sou um electricista, mas gosto de andar na rua, gosto de andar na rua à vontade – e sozinho. Um gajo para andar à vontade tem de andar armado. Eu não tenho arma, mas quero continuar a andar à vontade. Muitas vezes, então, se é preciso andar com um grupo de gajos, ando com um grupo de gajos, e quanto mais eles tiverem a ver com a minha maneira de pensar, melhor, menos eu me vou meter em merdas. [...] Ou seja a protegermo-nos e a defendermo-nos. [...] É mesmo a lei da selva, ‘tás a perceber. Isto é, quase as mesmas leis da selva: há as subculturas que agem como predadoras e há as outras que andam mais na defensiva; há outras que andam mesmo na surra.

[Electricista na construção civil, 8º ano de escolaridade, sexo masculino, 28 anos]

O espaço da “rua” toma, assim, a forma de *lugar transicional* (JEFFREY, 1995), enquanto contexto propiciador de mudança, de metamorfose, onde o adolescente tem oportunidade de viver uma experiência de ruptura, no sentido em que convoca uma dinâmica de compromisso e descompromisso, de ligação e desligação, de união e separação, de identificação e desidentificação, de princípio e fim, de rebeldia e afirmação. É no âmbito desse jogo – que é jogado, sobretudo, com a família, ou com aqueles que constituem os seus polos de autoridade mais próximos – que esses jovens tentam procurar e encontrar a sua *persona*, antes de reincarnarem a pele de adulto.

Esse jogo não deixa de ter no centro o laço social. Ainda que a partir dele se tente libertar de constrangimentos sociais formais, não deixa de prosseguir a sua rota em companhia de outros, mas agora *dos que ele escolheu*, iniciando assim um desejado processo de individuação e de emancipação social. A autonomia, enquanto valor primordial para esses jovens não anula, portanto, a sua dependência do mundo social, a sua necessidade de socialidade, mas transforma a sua significação, na medida em que as suas sociabilidades passam a estruturar-se a partir de laços aceites e geridos pelos próprios, em função de critérios de afinidade e afetividade eletiva. Ser autônomo significa não isolamento social, mas ser mestre dos seus próprios laços sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns jovens, no decorrer de sua adolescência, começam a estruturar suas relações de sociabilidade amical no âmbito de contextos de natureza microcultural, constituindo no seu cotidiano espaços privilegiados de vivência e referência, investidos de maior ou menor densidade afetiva. Formando-se nas orlas intersticiais dos cotidianos juvenis, esses universos estruturam-se na forma de redes sociais fluidas, dispersas e intrincadas, dentro das quais são experimentados e partilhados gostos estéticos mais marginais, posturas perante a vida e a sociedade mais excêntricas, numa comunhão de afinidades e afetividades celebradas em momentos de efervescência coletiva (como os concertos, por exemplo), ou partilhadas por meio de determinados meios de comunicação e de expressão socialmente disponíveis nesses universos.

As *cenar* ou *ondas* juvenis correspondem, assim, a microestruturas sociais que convergem numa postura de divergência cultural e que disponibilizam, sob modalidades bastante plásticas, recursos e competências várias que permitem brincar *estilos de vida escapatórios* (PAIS, 2001, p.71). Estes, por sua vez, correspondem a feixes de práticas em diversos domínios de vida (alimentação, vestuário, gostos, atividades de lazer, formas de participação social e política, etc.) que fogem, ou tentam fugir, aos modelos prescritivos e estandardizados dos padrões culturais dominantes – frequentemente representados pela própria cultura de origem dos jovens em causa –, criando identidades e sistemas de relações que ousam experimentar, reconstruir e negociar novos figurinos sociais e culturais (estéticos, éticos e cognitivos).

Daí serem contextos sociais onde tendem a emergir valores juvenis mais contestatários e heterodoxos, muitas vezes expressos em versões mais exacerbadas da imagem e da corporeidade, a par de outros meios de comunicação e expressão mobilizados como formas simbólicas de resistência face à massificação, à banalização e à submissão que esses jovens encontram noutros espaços sociais mais institucionais. Ao contrário das formas de organização mais burocráticas, onde os jovens correm o risco de serem olhados como uma massa indiferenciada com o mesmo tipo de problemas, interesses e expectativas²⁵, as *ondas* ou *cenar* juvenis acabam por lhes conceder uma forma flexível de enquadramento social para viver uma subjetividade e um estilo de vida que se pretende diferente e singular, concedendo-lhes um repertório de recursos materiais e simbólicos que articulam para dar sentido à sua existência individual(izada).

Sendo redes de afinidades (eletivas, somáticas e afetivas) em grande medida ancoradas a espaços sociais relativamente marginais e subterrâneos, onde a ética do desvio é a norma, nelas seus protagonistas encontram disponibilidade à inovação e margem de

²⁵ Aliás, os termos “juventude” ou “juvenil” que qualificam muitas organizações e instituições sociais e políticas, remetem para este quadro de generalização e homogeneidade social e simbólica que, não raras vezes, caracteriza o olhar público sobre esses segmentos sociais. Grande parte da produção teórica de primeira geração nesta área disciplinar que veio a designar-se sociologia da juventude, foi dedicada a desconstruir e a desmistificar essas visões homogeneizantes sobre a condição juvenil.

liberdade para experimentar novos modelos estéticos, éticos e de comportamento, que podem vir (ou não) a reificar-se em estilos de vida com continuidade biográfica²⁶. São espaços de deriva, sem grandes princípios de navegação, onde se exalta os valores da liberdade através do culto do excesso, da extravagância, do bizarro e tudo aquilo que possa chocar a moral burguesa mais tradicional, assegurando assim a possibilidade de romper com o banal, o saturado, o normativo, o convencional. Contextos sociais, portanto, susceptíveis de serem apropriados como verdadeiros *laboratórios de experimentação criativa* (FEIXA et al, 2001, p.298) ou *laboratórios culturais* (MELUCCI, 1989), potenciando a criatividade e inovação em diversas esferas.

No quadro de interações que tais espaços sociais proporcionam, os jovens adquirem capacidade crítica e reflexiva, de confronto e discussão, de iniciativa e proposta, de agenciamento e desempenho, de ação e reação, em suma, de *protagonismo social*. Na crença de que a política é um mundo distante, que está para além do seu poder de influência e indisponível para responder às suas exigências, desejos e necessidades, os jovens que foram objeto deste trabalho revelam-se bastante cétricos quanto à relevância e eficácia da ação movida através dos mecanismos convencionais disponíveis para o exercício do poder político²⁷. Desapontados com os moldes de funcionamento do sistema político atual, e confrontados com a escassez de programas ideológicos credíveis e disponíveis em que se revejam, esses jovens partilham entre si um sentimento de incapacidade perante a hipótese de protagonismo social através das vias tradicionais, representadas em movimentos organizados e formais de ação colectiva²⁸.

Mesmo quando representam áreas de natureza mais expressiva, as práticas de sociabilidade mais organizada e institucional despertam um reduzido interesse entre os seg-

²⁶ Grossegger, Heinzlmaier e Zentner (GROSSEGGER et al, 2001, p.197) fazem a distinção entre *culturas juvenis* e *estilos de vida* em termos de fase etária: quando se é jovem, adopta-se uma cultura juvenil, quando se é adulto, adopta-se um estilo de vida, que pressupõe alguma estabilidade e individualidade na apropriação dos recursos proporcionados por cada cena em que se circula.

²⁷ Aliás, refugiando-se em critérios formais frequentemente *etaristas*, as noções tradicionais e prevaletentes de *cidadania* tendem a excluir muitos jovens do exercício de alguns direitos e deveres legalmente consignados, e que os afetam diretamente, negando-lhes um estatuto de cidadania plena, ativa e corresponsável na reivindicação e manutenção de interesses próprios. Até à assunção da “maioridade” os jovens têm, efetivamente, poucas oportunidades para se fazerem presentes enquanto *sujeitos* (TOURAINÉ, 1995; DAYRELL, 2003), vivendo uma espécie de *indiferença infantilizadora* (GIROUX, 1998, p.28) que os coloca socialmente numa posição moratória e relativamente periférica à participação efetiva (mais do que consultiva ou representativa) em processos de tomada de decisão acerca de aspectos da vida social que os concernem diretamente. Para aprofundar as imagens e representações sociais dos jovens entrevistados sobre a sociedade contemporânea, ver Ferreira, 2007a.

²⁸ A manifesta distância dos mais jovens perante o poder político e respectivas instituições representativas, bem como a sua fraca representatividade junto das formas mais alinhadas de cidadania política, encontra-se codominante junto do discurso político na forma narrativa de “crise” na participação social e política dos jovens, supostamente cada vez mais “apáticos” e “desinteressados” da vida pública (HACKETT, 1997). Inquietos, políticos e observadores sociais vão encontrar o principal instrumento de combate de tal crise no apoio (em grande medida traduzido em subsídios financeiros) prestado por instituições políticas a organizações de juventude e associações congêneres (associações culturais e desportivas, de estudantes, escoteiros, juventudes partidárias, etc.).

mentos mais jovens²⁹. Alguns acabam por valorizar espaços alternativos de participação, intervenção e expressão social, dotados de recursos e canais de produção, mobilização e difusão mais apetecíveis que os convencionais, no sentido de anunciar as suas preocupações, valores e interesses e de atuar em conformidade com as suas expectativas e desejos, medos e anseios.

Desse modo, as microculturas juvenis revelam-se também espaços (sub)politicamente investidos³⁰, na medida em que concedem aos seus atores não apenas um quadro alargado de referências estéticas e expressivas, como também um vasto repertório de posturas éticas e de recursos de intervenção social. Tal repertório surge consubstanciado num conjunto de discursos e recursos que permite um entendimento crítico relativamente consensual sobre o modo de funcionamento das sociedades ocidentais contemporâneas, bem como numa mixagem difusa de atitudes, valores e formas de atuação social *alternativas* (mais do que *substitutivas*) às que nessas sociedades predominam, ancorada em diferentes interpretações da realidade social (ou determinadas parcelas da mesma), padrões de moralidade, concepções de normalidade, prioridades sociais e de vida etc.

Qualquer que seja a designação que tomem, são espaços que emergem em zonas marginais e, por vezes, subterrâneas num mundo social cada vez mais fragmentado, a partir de onde os seus atores pretendem afirmar e construir subjetividades que procuram não ser reduzidas a categorias funcionais ou disfuncionais do sistema, mas que, pelo contrário, buscam o reconhecimento e a dignificação social da sua diferença cultural e/ou pessoal específica. Daí que seus atores, ao mesmo tempo que tendem a cultivar laços de cumplicidade na expressão pública da diferença, os forjem também no direito à liberdade, ao respeito e à dignidade de que se reivindicam, servindo-se das *ondas* ou *cenas* juvenis como espaços experimentais de autonomia e emancipação pessoal, de formulação e legitimação social de políticas de vida que se pretendem escapatórias a um sistema social em não se reveem.

São, por consequência, espaços onde os jovens se descobrem mais cidadãos do que vítimas de desvantagens sociais, encontrando neles estímulo e reconhecimento para as suas iniciativas criativas, disponibilidade à experiência e ao exercício de novas opções de vida, autonomia e liberdade na construção de uma individualidade que não colide com uma intensa vida sociativa, bem como capacidade de intervenção no sentido de influenciar a adoção

²⁹ Como afirma Maria de Lourdes Lima dos Santos, às organizações de tipo expressivo (cultura, lazer, esporte ou outras formas de recreação), “atribui-se-lhes um papel socializador que, ao mesmo tempo, se espera que atue como regulador de comportamentos considerados disruptivos e como detonador de comportamentos de inovação e mudança – uma duplicidade difícil de harmonizar...” (1993, pp. 287-288). Na mesma linha, Willis afirma que “muita da criatividade que identificamos [no que ele designa de “proto-comunidades”] evaporaria quando transferida para as instituições. Muitas das reais energias simbólicas dos jovens são essencialmente *informais* na sua lógica, sentido e motivação” (WILLIS, 1990, p.55).

³⁰ Na aceção de Beck, a “subpolítica” concerne às ações e áreas da vida social que, tradicionalmente fora das instâncias burocráticas e formais do exercício político e das suas instituições representativas, têm sido objeto de repolitização, ou seja, de atribuição de valor e sentidos políticos, no recente contexto de “modernização reflexiva” (BECK, 2000, p.18).

de novos códigos culturais e fundações éticas na sociedade contemporânea. Autorealização, cidadania e participação social tendem, portanto, a andar juntas nesse tipo de contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BECK, Ulrich. “A reinvenção da política. Rumo a uma teoria da modernização reflexiva”. In: BECK, Ulrich et al. *Modernização reflexiva*. Política, tradição e estética no mundo moderno. Oeiras: Celta, 2000, pp.1-51.
- BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith (orgs.). *After Subculture*. Londres: Palgrave, 2004.
- BENNETT, Andy; PETERSON, Richard. *Music Scenes: Local, Translocal and Virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.
- BENNETT, Andy. “Subcultures or Neo-tribes? Rethinking the Relationship Between youth, style and musical taste”. *Sociology*, vol. 33, n. 3, 1999, pp.599-617.
- . Andy. “In Defence of Neo-tribes: a Response to Blackman and Hesmondhalgh”. *Journal of Youth Studies*, vol. 8, n. 1, 2005, pp.255-259.
- BLUMER, Herbert. *Symbolic interactionism*. Perspective and method. Nova York: Prentice-Hall Enllewood Cliffs, 1969.
- BRUNO, Pierre. *Existe-t-il une culture adolescente?* Paris: Press Éditions, 2000.
- COSTA, António Firmino. “Estilos de sociabilidade”. In: CORDEIRO et al. (orgs.). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta, 2003, pp.121-129.
- COSTA, Pere-Oriol et al. *Tribus urbanas*. El ansia de identidad juvenil, entre el culto de la imagen y la autoafirmación a través de la violencia. Barcelona: Paidós, 1996.
- CRUZ, Maria Teresa. “Experiência estética e esteticização da experiência”. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.12/13, 1991, pp.57-65.
- DAYRELL, Juarez. “O rap e o funk na socialização da juventude”. *Educação e Pesquisa*, vol. 28, n.1, 2002, pp.117-136.
- . “O jovem como sujeito social”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, 2003, pp.40-52.
- . “Juventud, grupos culturales y sociabilidad”. *Jovenes*, n. 22, 2005, pp.296-313.
- DELEUZE, Gilles. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- DÍAZ, Andrés Soriano. “Microculturas juveniles. Las tribus urbanas como fenómeno emergente”. *Jovenes*, n. 15, 2001, pp.134-149.
- DRILLING, Mathias, GAUTSCHIN, Dorothea. “Youth Cultures and Adolescence: Limits to Autonomous Socialisation and Demands on Youth Welfare”. In: AA.VV. *Transitions of Youth Citizenship in Europe: Culture, Subculture and Identity*. Strasbourg: Conselho da Europa, 2001, pp.305-320.

- DUMAZEDIER, Joffre. *Revolution culturelle du temps libre, 1968-1988*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.
- DUNCOMBE, Stephen. *Zines and the Politics of Alternative Culture*. Notes from Underground. Londres: Verso, 1997.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Oeiras: Celta, 2002.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (orgs.). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- EYERMAN, Ron; JAMISON, Andrew. *Music and Social Movements*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- FEIXA, Carles; COSTA, Carmen; PALLARÉS, Joan. "From *Okupas* to *Makineros*: citizenship and Youth Cultures in Spain". In: AA.VV. *Transitions of Youth Citizenship in Europe: Culture, Subculture and Identity*. Estrasburgo: Conselho da Europa, 2001, pp.305-320.
- FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel, 1998.
- FERREIRA, Vítor Sérgio. "Do renascimento das marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil". In: PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva (orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004, pp.71-102.
- . "Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *body piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência". *Etnográfica*, vol. 11, n. 2, 2007a, pp.291-326.
- . "Sentidos e contextos da corporeidade marcada". *Trajectos*, n.10, 2007b, pp.21-34.
- . *Marcas que demarcam*. Tatuagem, *body piercing* e culturas juvenis. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- FOURNIER, Valérie. *Les nouvelles tribus urbaines*. Voyage au coeur de quelques formes contemporaines de marginalité culturelle. Paris: Georg Editeur. 1999.
- GELDER, Ken; THORNTON, Sarah (orgs.). *The Subcultures Reader*. Londres/ Nova York: Routledge, 1997.
- GIROUX, Henry A. "Teenage Sexuality, Body Politics, and the Pedagogy of Display". In: EPSTEIN, Jonathon S. *Youth Culture*. Identity in a Postmodern World. Oxford: Blackwell, 1998, pp.24-55.
- GOMES, Rui Telmo. "Sociografia dos lazeres e práticas culturais dos jovens portugueses". In: PAIS, José Machado; CABRAL, Manuel Villaverde (org.). *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*. Oeiras: Celta, 2003, pp.167-263.
- . "Uma *tournee underground*: práticas musicais e estilos de vida em bandas *pop* amadoras". *Revista Obs*, n. 13, 2004, pp.56-67.
- GROSSEGER, Beate et al. "Youth Scenes in Austria". In: AA.VV., *Transitions of Youth Citizenship in Europe: Culture, Subculture and Identity*. Estrasburgo: Conselho da Europa, 2001, pp.193-216.
- HACKETT, Claire. "Young People and Political Participation". In: ROCHE, Jeremy; TUCKER, Stanley (orgs.). *Youth in Society*. Contemporary Theory, Policy and Practice. Londres: Sage, 1997, pp.81-88.

- HEBDIGE, Dick. *Subculture. The Meaning of Style*. Londres: Methuen, 1986 [1979].
- HESMONDHALGH, David. "Subcultures, Scenes or Tribes? None of the Above". *Journal of Youth Studies*, vol. 8, n. 1, 2005, pp.21-40.
- JEFFREY, Denis. "Jeunes de la rue et incorporation". *Religiologiques*, n. 12, 1995, pp.169-180.
- KLEIN, Gabriele. "Image, Body and Performativity: the Constitution of Subcultural Practice in Globalized World of Pop". In: MUGGLETON, David; WEINZIERL, Rupert (orgs.). *The Post-Subcultures Reader*. Oxford: Berg, 2003, pp.41-49.
- LAMER, Sylvie-Anne. "Graffiti dans la peau. Marquages du corps, identité et rituel". *Religiologiques*, n. 12, 1995, pp.149-167.
- MACDONALD, Robert; SHILDRICK, Tracy. "Street Corner Society: Leisure Careers, Youth (sub)culture and Social Exclusion". *Leisure studies*, vol. 26, n. 2, 2007, pp.339-355.
- MAFFESOLI, Michel. *Le temps des tribus. le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?". *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 2, vol. 3, 1992.
- MALBON, Ben. *Clubbing. Dancing, Ecstasy and Vitality*. Londres/ Nova York: Routledge, 1999.
- McDONALD, Kevin. *Struggles for Subjectivity: Identity, Action and Youth Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- . "From Solidarity to Fluidarity: Social Movements Beyond 'Collective Identity' – the case of Globalization Conflicts". *Social Movement Studies*, n. 2, vol. 1, 2002, pp.109-128.
- MELLOR, Philip A.; SHILLING, Chris. *Re-forming the Body. Religion, Community and Modernity*. Londres: Sage, 1997.
- MELO, Alexandre. *O que é arte*. Lisboa: Difusão Cultural, 1994.
- MELUCCI, Alberto. *Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society*. Filadélfia: Temple University Press, 1989.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel; NAVES, Santuza Cambraia (orgs.). "Por que que não?" *Rupturas e continuidades da contracultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- MUGGLETON, David; WEINZIERL, Rupert (orgs.). *The Post-subcultures Reader*. Oxford: Berg, 2003.
- MUGGLETON, David. *Inside Subculture. The Postmodern Meaning of Style*. Oxford: Berg, 2002.
- MUNGHAM, Geoff; PEARSON, Geoffrey (orgs.). *Working Class Youth Culture*. Londres/ Routledge/ Kegan Paul, 1976.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- . "A vida como aventura: uma nova ética de lazer?". *New Routes for Leisure*, Atas do Congresso Mundial do Lazer. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 1994, pp.99-110.

- _____. “Transition and Youth Cultures: Forms and Performances”. *International Social Science Journal*, n. 164, 2000, pp.219-232.
- _____. *Ganchos, tachos e biscates*. Jovens, trabalho e futuro. Porto: Âmbar, 2001.
- _____. “Jovens, bandas musicais e revivalismo tribais”. In: PAIS, José Machado; BLASS, Leila da Silva (orgs.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004, pp.23-42.
- PETERSON, Richard. “Changing Highbrow Taste: from Snob to Omnivore”. *American Sociological Review*, vol. 61, n. 5, 1996, pp.900-907.
- POLHEMUS, Ted. *The Customized Body*. Nova York: Serpents Tail, 1996.
- REYNOLDS, Simon. *Energy Flash: a Journey Through Rave Music and Dance Culture*. Londres: Picador, 1998.
- ROSZCAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- RUIZ, Manuel Delgado. “Estética e infâmia. Da la distinción al estigma en los marcajes culturales de los jóvenes urbanos”. In: FEIXA, Carles; COSTA, Carmen; PALLARÉS, Joan (orgs.). *Movimientos juveniles en la Península Ibérica*. Graffitis, grifotas, okupas. Barcelona: Ariel, 2002, pp.115-143.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima. “Cultura, tempos livres e associativismo juvenil”. In *Estruturas sociais e desenvolvimento*. Atas do II Congresso Português de Sociologia, vol. II. Lisboa: Fragmentos, 1993, pp.282-289.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima. “Trajetos e projetos: o caso das bandas musicais juvenis”. *Revista Obs*, n. 12, 2003, pp.3-9.
- SAVATER, Fernando, VILLENA, António. *Heterodoxias y contraculturas*. Barcelona: Montesinos, 1982.
- SCHUTZ, Alfred. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.
- SIMMEL, Georg. “Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal”. In FILLHO, Evaristo Morais (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. “A metrópole e a vida do espírito”. In: FORTUNA, Carlos (org.). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta, 1997, pp.31-43.
- SPOSITO, Marília P. “A sociabilidade juvenil e a rua. Novos conflitos e ação coletiva na cidade”. *Tempo Social*, São Paulo, vol. 5, n. 1-2, 1993, pp.161-178.
- THORNTON, Sarah. *Club Cultures*. Music, Media and Subcultural Capital. Cambridge: Polity, 1995.
- THRASHER, Frank M. *The Gang*. A study of 1313 Gangs of Chicago. Chicago: Chicago University Press, 1967 [1927].
- TOURAINÉ, Alain. “La formation du sujet”. In: DUBET, François; WIEVIORKA, Michel (orgs.). *Penser le sujet*. Autour d’Alain Touraine. Paris: Fayard, 1995, pp.21-45.
- VALENTINE, Gill; SKELTON, Tracey (orgs.). *Cool Places*. Geographies of Youth Cultures. Londres/ Nova York: Routledge, 1998, pp.1-49.
- WEBER, Max. *Economía y sociedad*. México: FCE, 1983 [1922]).

WILLIS, Paul. *Common Culture: Symbolic Work and Play in the Everyday Cultures of the young*. Buckingham: Open University Press, 1990.

YINGER, John Milton. *Countercultures*. Nova York: The Free Press, 1982.